Bloco Centro-Oeste

A cobra não tem pé

A cobra não tem pé é uma brincadeira de bater palmas em grupo, numa roda. Enquanto recitam versos ou cantam canções, as crianças batem nas palmas dos colegas, ou nas próprias mãos. As canções usadas nas brincadeiras de palmas variam de região para região e as coreografias que acompanham os versos também. No caso de **A cobra não tem pé**, foram encontradas algumas versões Brasil afora. A versão colhida em Goiás é bem animada: as crianças ficam em roda e fazem, juntas, os movimentos indicados pela música.

A cobra não tem pé
A cobra não tem pé
A cobra não tem mão
Como é que ela sobe no pezinho de limão
Ela sobe, ela desce,
Ela tem o corpo mole (bis)
Então vai, limãozinho
Vai, vai limãozinho

Domínio público.

Como brincar:

- Organizar as crianças em roda, batendo palmas.
- Incentivá-las a fazer mímica para representar que estão mexendo em uma panela quando chegam à parte da música que diz “Então vai, limãozinho”.

Variante: em outras versões, o refrão diz “Ela estica, ela encolhe, seu corpo é todo mole”. Nessa variação, pedir às crianças que mexam o corpo conforme a letra da canção.

Orientações didáticas

Antes da leitura, preparar um cartaz com a letra da música e o material para a confecção de um jogo de memória, como cartolina, lápis de cor, tintas e tesoura. Conversar com as crianças sobre brincadeiras populares e fazer algumas perguntas:

1. Que brincadeiras de roda vocês conhecem?
2. Vocês já ouviram falar de alguma brincadeira de roda em que as crianças batem palmas? Como é a brincadeira?

Após mencionarem as brincadeiras conhecidas, pedir às crianças que expliquem as regras da brincadeira e contem como foi a vivência dessa experiência.

Incentivar as crianças a expressarem ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências por meio da linguagem oral.

Ler os textos em voz alta e, enquanto lê, apontar o trecho no cartaz para a turma acompanhar e observar as palavras, mesmo que as crianças não realizem a leitura de maneira convencional. Essa estratégia permite que elas comecem a perceber a correspondência entre o que é lido em voz alta e o que está escrito, relacionando as palavras às letras.

Após a leitura dos textos, levar as crianças para a área externa da escola e propor a realização da brincadeira utilizando as duas versões apresentadas anteriormente.

> A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e brincadeiras entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Proposta preliminar. Terceira versão. Brasília, DF, 2017.

Organizar as crianças em roda e conversar sobre o desenvolvimento da brincadeira. Se julgar adequado, propor a confecção de um jogo de memória com a personagem da cantiga. Cada criança recebe dois cartões para fazer dois desenhos iguais da cobra. Cuidar para que os tamanhos dos cartões sejam os mesmos e não se possa ver a imagem. Organizar as crianças em grupos e distribuir os cartões para que possam jogar. Pedir que embaralhem os pares e depois organizem os cartões com a imagem virada para baixo. Determinar a ordem de cada jogador que deve virar dois cartões na tentativa de encontrar o par. Caso consiga formar o par retira as cartas e joga mais uma vez. Se não conseguir encontrar o par, coloca as cartas de volta nos mesmos lugares e deixa as imagens viradas para baixo. O próximo jogador segue o mesmo procedimento. O jogo termina quando todos os pares forem encontrados. Ganha o jogo aquele que tiver formado mais pares.

Cabra-cabriola

Cabra-cabriola é um ser imaginário, espécie de Bicho-Papão. Tem origem em Portugal e ganhou versões no Norte e no Nordeste do país. No Centro-Oeste, entretanto, foi registrada a ocorrência desse nome em uma brincadeira com bola chamada “Cabra-cabriola, onde está a bola?”. No restante do país, essa brincadeira também existe, mas é conhecida com outros nomes, como: "Maria Viola, onde está a bola?” ou “Bola atrás”.

Como brincar:

- As crianças escolhem quem será o cabra-cabriola. Podem usar uma das fórmulas de escolha que conhecem.
- O cabra-cabriola fica virado de costas para o grupo segurando a bola. Ele joga a bola e uma das crianças deve pegar e esconder a bola atrás de seu corpo. Todas as crianças ficam com as mãos para trás, para despistar.
- O grupo então pergunta: “Cabra-cabriola, onde está a bola?”. O cabra-cabriola vira-se e tenta adivinhar com quem ela está. Se ele acertar, a criança com a bola vira o novo cabra-cabriola.

Orientações didáticas

As lendas resgatam a cultura folclórica, ampliam o repertório de linguagem e o gosto pela leitura. Podem inspirar brincadeiras divertidas que promovem o desenvolvimento da imaginação e a criatividade.

Propor a brincadeira para a as crianças. Sentá-las em roda e fazer perguntas como: Quem conhece a brincadeira “Cabra-cabriola, onde está a bola?”. Caso alguma criança já conheça a brincadeira, pedir a ela que explique para a turma as regras. Depois, perguntar:

1. Que outras brincadeiras você conhece que foram inspiradas em alguma lenda?

Ler as regras da brincadeira descritas acima, e pedir a participação de algumas crianças para que expliquem o que entenderam da brincadeira com a leitura do texto.

O objetivo dessa vivência é proporcionar momentos de interação com outras crianças e adultos; atuar de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações; e compreender a necessidade das regras nas brincadeiras com outras crianças.

Ao término da brincadeira, agrupar as crianças no chão e em círculo, realizar uma rodada de socialização para incentivá-las a comunicar suas ideias e sentimentos com desenvoltura a pessoas e grupos diversos. Alguns aspectos poderão ser contemplados.

1. Como foi brincar de “Cabra-cabriola, onde está a bola?”?
2. Como foi ter que esconder a bola atrás do corpo?
3. Quando você foi o cabra-cabriola e não conseguiu desvendar com quem estava a bola, como se sentiu?

Para finalizar, pedir a elas que realizem o registro dessa brincadeira por meio de desenhos e com escrita espontânea. Elaborar um varal para expor os trabalhos.

A festa no céu

A festa no céu é um conto etiológico, ou seja, que procura explicar a origem ou o porquê de alguma coisa ser como é. Neste caso, explica o couro do sapo parecer todo enrugado, e ele ser um bicho molenga e achatado. Em vez do sapo, algumas versões do conto usam o jabuti, que também possui o casco desenhado, como se tivesse quebrado e depois sido colado. Independentemente da versão, o conto **A festa no céu** é um dos mais populares no Brasil e reúne elementos da região Centro-Oeste: a viola, muito usada nele; o sapo-cururu, que vive próximo à água e tem no Pantanal um dos melhores hábitats; e o urubu-rei, presente em todo o território brasileiro, mas bastante comum em áreas distantes dos centros urbanos nas regiões Norte, Nordeste, além de Centro-Oeste.

A festa no céu

Foram convidados para uma grande festa no céu todas as aves e bichos que voam. Os bichos que não voam ficaram muito tristes por não poderem ir. Mas o sapo-cururu era o único que estava animado, dizendo a todos que ele iria à festa. Os animais morreram de rir, mas o sapo já tinha providenciado um plano: ia escondido na viola do urubu-rei, convidado especial, pois tocaria as músicas da festa.

Dito e feito. Na véspera da festa, foi até a casa do urubu fazer uma visita. Disse que ia embora, se despediu, mas logo depois deu a volta por trás da casa e entrou pela janela, se escondendo dentro da viola do urubu.

No dia seguinte, lá foi o sapo voando para o céu na viola do urubu. Já na festa, aproveitou a distração de todos enquanto cumprimentavam o célebre urubu-rei e saiu pelo buraco da viola. Todas as aves ficaram muito surpresas de ver o sapo pulando de um lado para o outro na festa. Sempre que alguém perguntava como ele conseguiu voar até ali, o sapo desconversava. Já no fim da festa, aproveitando o momento em que o urubu deixou a viola num canto para se despedir de todos, o sapo novamente se escondeu lá dentro.

Naquela época, o sapo era um bicho meio arredondado, e, de tanto que comeu na festa, ficou mais roliço ainda. Quando o urubu, no meio do caminho, fez uma curva, o sapo rolou dentro da viola. O urubu desconfiou e deu uma espiada no buraco.

— Ah, seu sapo! Então você veio na festa do céu assim? Dentro da minha viola, se aproveitando de mim? — e jogou o pobre do sapo lá do alto. Vendo as pedras em que ia cair, o sapo berrava:

— Se dessa eu escapar, nunca mais no céu quero estar! Afasta, pedrinha, afasta depressa, que senão te quebro ou racho minha testa!

O sapo se esborrachou todo em cima de uma pedra. Por um milagre, não morreu. Mas ficou todo achatado, a pele rachada e a boca escancarada de tanto que gritou.

Domínio público.

Orientações didáticas

Conversar com as crianças sobre o gênero literário conto. Explicar que desde a infância escutamos história folclóricas que são contadas oralmente por nossos pais, avós, tios, vizinhos e outras pessoas. Muitas vezes, essas histórias são passadas de geração em geração. Perguntar quais contos a família delas costuma compartilhar.

A turma pode citar alguns contos conhecidos. Deixar que contem o que lembram dessas histórias, promovendo um momento para que as crianças compartilhem seus conhecimentos com os colegas, além de estimular o desenvolvimento da oralidade e da escuta atenta.

Comentar que os contos são narrativas curtas, com poucas personagens, que apresentam um enredo em um tempo e espaço definidos.

Antes de iniciar a leitura, preparar previamente os materiais e adereços para as crianças realizarem a dramatização do conto.

Após a leitura dos textos, promover um momento de exploração oral dos sentidos do texto discutindo aspectos da história e do gênero literário, como os que seguem:

1. Quem são as personagens desse conto?
2. O que aconteceu nessa história?
3. Em que lugar ocorreu a história?
4. O conto relatou que os bichos que não voam ficaram muito tristes por não poderem participar da festa. Por que eles se sentiram assim?
5. Você acha que o sapo agiu de maneira correta? Por quê?
6. O urubu achou que o sapo se aproveitou dele para conseguir chegar à festa. Ao descobrir que o sapo estava em sua viola, o urubu o jogou lá do alto. O que aconteceu com o sapo?
7. Você já viu um sapo? Como é o corpo dele?
8. O sapo que você viu é parecido com o do conto?

Espera-se que as crianças mencionem que a história tenta explicar o motivo de o couro do sapo ser enrugado e seu corpo, molenga e achatado.

Propor às crianças que recontem a história por meio de dramatização. Separá-las em grupos e disponibilizar alguns adereços para que utilizem ao encenar a história. É possível preparar algumas máscaras para identificação das personagens.

Na dramatização, poderão surgir outras personagens, como as aves que estavam na festa e os bichos que não voam quando souberam da festa no céu. Esta proposta propicia às crianças demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em momento de reconto de história, além de apreciar e participar de apresentação de teatro como manifestação artística.

A onça e o veado

A onça e o veado é um conto tradicional da região Centro-Oeste. Os animais que aparecem no conto, a onça, o veado e o tamanduá-bandeira, vivem na Floresta Amazônica, que se estende pela região, ocupando parte do Mato Grosso, e também há várias espécies de veado no Pantanal e no cerrado brasileiro. Como toda fábula, **A onça e o veado** possui uma lição, um ensinamento. Ela critica, de forma bem-humorada, o excesso de esperteza e chama a atenção para o perigo.

A onça e o veado

Certo dia, o veado cansou-se de viver vagando pela floresta e decidiu construir uma casa para morar. Escolheu uma terra perto de um rio. A onça teve a mesma ideia naquela noite, e escolheu a mesma área.

No dia seguinte, o veado preparou o terreno, tirando o mato, capinando a terra. À noite, a onça chegou lá e pensou que era ajuda divina o terreno estar todo capinado e pronto para construir. Sem pensar mais, colocou quatro estacas no chão, ergueu as paredes e foi embora caçar.

Chegando o veado, na manhã seguinte, pensou: “É Deus que está me ajudando”. E fez o telhado da casa. E assim foi, a onça trabalhando de noite, e o veado, de dia.

Quando a casa ficou pronta, a onça ocupou um quarto. Mas no outro quarto, já estava instalado o veado, dormindo profundamente. Ao amanhecer o dia, os dois se encontraram. “Ah! Então era você que me ajudava a construir a casa?!”

Para evitar uma disputa injusta, já que os dois haviam feito aquela casa, resolveram morar juntos.

No primeiro dia, a onça saiu para caçar. Voltou com um veado muito grande e pediu para seu colega prepará-lo para o jantar.

O veado cozinhou a caça, mas não comeu e passou a noite aterrorizado. Teve uma ideia: saiu para caçar no dia seguinte. Ao avistar uma onça bem grande, mostrou-a a um tamanduá que passava por ali e disse: “Está vendo aquela onça? Ela anda falando mal de você!”.

O tamanduá chegou por trás da onça, silencioso, deu aquele abraço de tamanduá que não há o que o faça largar e sufocou a onça. O veado arrastou o corpo da onça até a casa e disse à companheira: “Prepare isso para o nosso jantar”.

A onça, morrendo de medo do veado, assou a carne, mas também não comeu.

Aquela noite nenhum dos dois conseguiu dormir, um vigiando o outro. Até que o veado adormeceu sem perceber e bateu a cabeça num pau.

A onça pensou que era o veado vindo atacá-la e, de um pulo, fugiu da casa. O veado, pensando que o barulho da onça correndo era ela vindo atacá-lo, também fugiu. E nunca mais nenhum dos dois voltou.

Domínio público.

Orientações didáticas

Antes de iniciar a leitura, propor uma conversa sobre o que imaginam que deve ser a história **A onça e o veado** e deixar que as crianças arrisquem suas sugestões a fim de que antecipem possibilidades, o que oportuniza maior envolvimento com a leitura. Talvez alguma delas conheça esse conto, e é possível pedir que ela o conte à turma.

Após a leitura, conversar com as crianças sobre alguns aspectos do texto e verificar se a versão da história contada por elas é parecida com o conto lido, caso alguém da turma tenha feito a narração de **A onça e o veado**. Neste momento, serão desenvolvidas a análise e a comparação.

1. O que aconteceu nessa história?
2. Em geral, escutamos que a onça é um animal muito perigoso, inclusive, mais feroz que o veado. Nessa história, a onça era um animal corajoso e feroz?

Espera-se que percebam que a onça caçava, mas tentou conviver com o veado para ser justa pois ele também construiu a casa.

3. Qual o verdadeiro perigo nessa história?
   Espera-se que as crianças relatem que é o perigo de a onça devorar o veado.

4. Que animal demonstrou esperteza para resolver o problema e sentir-se seguro em casa?
   Espera-se que as crianças comentem a estratégia do veado para matar uma onça.

5. Ao final, qual dos animais pôde usufruir da casa construída?
   No final, os dois abandonaram a casa com medo de que o outro o devorasse.

6. O que o medo provocou nos dois animais da história?
   O medo afugentou os dois do local que queriam morar.

7. Você já vivenciou uma situação em que sentiu medo?
   Ouvir o que eles têm a contar.

Pedir às crianças que criem um registro da história em forma de desenho e o apresentem à turma como representação desse conto. É possível fazer uma exposição dos trabalhos para valorizar as produções da turma e o reconto da história por meio de uma linguagem artística.

Pamonha

Pamonha salgada ou doce é um dos pratos típicos feitos de milho mais populares na região Centro-Oeste, principalmente em Goiás. Herdamos uma infinidade de receitas feitas com milho dos povos nativos da América. Desde os indígenas norte-americanos, passando pelos povos maia e inca e os tupis da América do Sul, o milho, que é originário das Américas, foi largamente consumido como base da alimentação. A pamonha é uma receita dos indígenas brasileiros. A palavra pamonha vem da palavra tupi *pa'muña*, que significa "pegajoso".

Orientações didáticas

Organizar um espaço para que todas as crianças participem da elaboração da receita e pedir a ajuda de outros profissionais da escola, como a equipe da cozinha, para auxiliar no uso do forno. Reescrever a receita em papel *kraft* ou cartolina para que todas as crianças possam visualizá-la.

Conversar com as crianças sobre o processo de transformação dos alimentos. Vários alimentos são fornecidos pela natureza, como recursos naturais, e podem ser utilizados no preparo de receitas. Perguntar:

Você já comeu algum prato em que o milho aparece como ingrediente? Você gostou? Era doce ou salgado? Quais pratos podemos preparar com o milho?

Ler com as crianças a receita:

Bolo de pamonha
Ingredientes:
5 espigas de milho ou 2 latas de milho verde (escorrer a água)
1 lata de leite condensado
½ xícara de leite
3 ovos
100 g ou ½ xícara de manteiga (pode derretê-la para facilitar)
1 colher de fermento químico em pó
2 xícaras de flocos de coco seco
Flocos de coco para decorar

Modo de fazer:

Se for utilizar espigas de milho, retirar os grãos da espiga com uma faca. Bater o milho no liquidificador com o leite condensado, o leite, os ovos e a manteiga. Por último, adicionar o fermento e bater na velocidade mínima.

Despejar a mistura numa forma untada e enfarinhada, polvilhando os flocos de coco por cima. Assar por 40 minutos no forno preaquecido a 180 °C. Retirar do forno e polvilhar o restante dos flocos de coco para decorar.

Após a leitura, levar as crianças para o local de preparo do bolo de pamonha e conversar sobre algumas dicas importantes antes de iniciar a elaboração da receita, como: higienizar as mãos antes de manipular os alimentos; prender os cabelos; seguir as orientações da receita passo a passo. Proporcionar um momento para a turma fazer a higienização das mãos.

Retomar a leitura dos ingredientes e apontar no texto as palavras para que as crianças acompanhem e verifiquem se estão presentes no local todos os alimentos necessários para a realização da receita. Fazer a leitura do modo de preparo novamente para que elas participem e façam a receita passo a passo com as quantidades corretas. Neste momento, é possível ressaltar a importância desse gênero textual, o texto instrucional receita culinária, que tem a finalidade de informar como deve-se fazer algo. Após o término do preparo da massa, o bolo será levado ao forno e a turma poderá observar a transformação do alimento.

A execução desta proposta oportuniza diversos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: relacionar números às suas respectivas quantidades; observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais; ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação; adotar hábitos de autocuidado, valorizando atitudes relacionadas a higiene e a alimentação.

Para finalizar, após o tempo determinado para o preparo, as crianças experimentarão o bolo de pamonha e poderão compartilhar suas ideias, pensamentos e impressões sobre a vivência.

Lenda do Pequi

Pequi é um fruto típico do Cerrado brasileiro, muito consumido e comercializado principalmente em Goiás. Seu uso na culinária é muito versátil, sendo empregado em pratos salgados ou doces, como o famoso arroz com pequi, ou, ainda, a pamonha com pequi, além de sorvetes e licores. A fruta, mesmo cozida, deve ser apreciada com muito cuidado. Jamais se deve morder o pequi, apenas roer com cuidado sua polpa dourada, pois embaixo dela há um caroço cheio de espinhos minúsculos capazes de causar grande dor na boca de algum desavisado. Depois da camada de espinhos, há uma castanha muito utilizada também na culinária e na produção de cosméticos e óleos para fins medicinais. Conhecendo o perigo desse fruto, os indígenas o chamaram em tupi de pele (*py*) e espinho (*qui*).

Lenda do Pequi

Tainá-racan era uma linda indígena que se casou com um forte guerreiro da tribo vizinha, chamado Maluá. Os dois eram muito felizes, mas começavam a sentir a tristeza de ainda não terem filhos. Um dia, quando conversavam sobre isso, Tainá-racan chorou e de repente começou um vento muito forte que trouxe nuvens escuras de chuva.

Os trovões retumbaram ao longe e Maluá teve a certeza de que era Cananxiuê, o senhor de tudo, dizendo que eles teriam um filho.

Passou um tempo e Tainá-racan deu à luz um lindo menininho, forte como o pai e com os olhos da mãe. Mas curiosamente seus cabelos eram amarelos como a flor do ipê. Mesmo assim, Maluá ficou muito feliz com a chegada da criança e chamou-a Uadi. Para explicar a diferença de Uadi das demais crianças da tribo, Maluá dizia que ele era filho de Cananxiuê.

Um dia Cananxiuê desceu à terra sob a forma de arara vermelha e gritou: “Vim buscar meu filho”. Agarrou o menino e levou-o consigo. Os gritos desesperados de Tainá-racan e Maluá de nada adiantaram. Maluá sabia que seu filho fora levado porque ele mesmo dizia que era de Cananxiuê.

Tainá-racan chorou três dias e três noites pensando no pequeno Uadi. O senhor de tudo teve pena da moça e voltou em forma de arara vermelha. Cananxiuê disse: “Uma árvore copada nascerá de suas lágrimas. Ela dará flores muito cheirosas que atrairão os animais nas noites enluaradas e garantirão muita caça à tribo. Depois, nascerão os frutos. Eles terão a casca verde e embaixo dela uma polpa da cor dos cabelos de Uadi. Mas a semente será cheia de espinhos, como a dor que você sente em seu coração de mãe. Seu odor será marcante e o seu sabor, inesquecível para quem dele gostar”. Tainá-racan finalmente parou de chorar e viu uma planta nascer.

Maluá foi chamado à guerra e, quando voltou, encontrou uma alta e frondosa árvore cheia de frutos, que, maduros, caíam no chão. Ele e Tainá-racan comeram sua polpa dourada com farinha. A partir daí passaram a ter um filho depois do outro, e, sempre que nascia uma criança, eles plantavam um novo pequizeiro. Ainda hoje muitos indígenas perpetuam esse costume.

Domínio público.



Léo Fanelli/Giz de Cera
Cananxiuê em forma de arara-vermelha.

Orientações didáticas

Antes da leitura, organizar a turma em roda para conversar sobre as lendas conhecidas. Comentar que as lendas são histórias contadas pelas pessoas e apresentam acontecimentos misteriosos, misturando situações reais com fatos imaginários que, muitas vezes, explicam a existência de algum fenômeno ou aspecto da natureza.

Perguntar que lendas as crianças conhecem. Elas poderão mencionar o conhecimento de algumas lendas folclóricas, como a do saci-pererê, a do curupira, a do boitatá, a da Iara, entre outras. Depois, apresentar a imagem a seguir e perguntar:

1. Alguém conhece esse fruto?
2. Qual o nome dele?
3. Qual o gosto que ele tem?
4. Quem já comeu uma receita com esse fruto?

Perguntar às crianças se já ouviram a lenda do pequi. Permitir que elas relatem o que conhecem sobre essa lenda. Esta estratégia propicia o desenvolvimento da oralidade, da escuta e do respeito ao outro.

Ao terminar a leitura dos textos, promover uma reflexão sobre alguns aspectos importantes:

1. O que a lenda do pequi conta?
2. Por que Cananxiuê levou Uadi embora?
3. O que ele fez para diminuir a tristeza e consolar os pais?
4. A lenda conta que o pequi foi criado a partir dessa história. Que aspecto da natureza a lenda explica?
5. Como você explicaria essa lenda para alguém que não a conhece?
6. Muitos indígenas ainda plantam mudas de pequizeiros quando nascem os bebês. Por que eles fazem isso?

Propor às crianças que citem algumas das características. Relembrar as características de Uadi e incentivá-las a compartilhar as informações sobre a cor da pele, o tipo do cabelo, formato do rosto, estrutura do corpo etc. Poderão surgir características físicas, mas também de personalidade.

Depois, propor que façam um registro de suas próprias características, como um autorretrato. Providenciar papéis coloridos, recortes de revista e jornal, cola branca, tintas e cola colorida, para que as crianças tenham liberdade para criar.

O objetivo desta proposta é comunicar ideias e sentimentos com desenvoltura a pessoas e grupos diversos.



Bruno Albergaria Santos/Shutterstock.com

Pequi.

Cavalhadas

Cavalhadas é uma festa tradicional que ocorre em Pirenópolis e Palmeiras de Goiás no mês de maio. A festa, que dura três dias, é uma encenação do confronto entre os cristãos (Carlos Magno e os Doze Pares da França) e os mouros (árabes sarracenos, de religião islâmica, que pretendiam invadir o sul da França). A história de Carlos Magno foi incorporada ao folclore da Península Ibérica pela voz dos trovadores medievais, até se tornar uma festividade em Portugal no século XIII. A pedido da rainha Isabel, de Portugal, os padres jesuítas introduziram essa representação dramática no território brasileiro.

Cavalhadas

Trata-se de um teatro medieval ao ar livre, cuja apresentação dura três dias, que tem direito a banda de música tocando composições típicas da cavalaria. Os cavaleiros que participam da encenação usam belas vestimentas ornamentadas, longos mantos bordados, e até os cavalos entram em cena com muitos enfeites.

A história contada é a de uma batalha que ocorreu na Europa entre os exércitos dos árabes muçulmanos, conhecidos como mouros, e de Carlos Magno, ajudado pelos Doze Pares da França e apoiado pelo papa. Por isso, na festa, a batalha é simplificada em: “os cristãos contra os mouros”.

Os cristãos são representados por cavaleiros vestidos de azul e os mouros, de vermelho. Os reis e embaixadores usam elmos (capacetes) de estilo romano, os dos mouros são dourados e os dos cristãos, prateados. Os cavaleiros empunham uma espada, uma lança com fitas na ponta e também uma pistola com tiros de festim para o momento do combate.

Além dos cavaleiros, outra grande atração são os Mascarados, conhecidos também como “Curucucus”. Eles se vestem com roupas bem coloridas e máscaras chamativas, de maneira que ninguém descubra quem está por trás da máscara. Diferente da robustez e da seriedade dos cavaleiros, os mascarados desempenham o papel do povo e possuem muita liberdade de representação, fazendo brincadeiras e palhaçadas com a plateia.



Andre Luiz/Shutterstock.com

Festa da Cavalhada na cidade de Pirenópolis, Goiás, s/d.

Orientações didáticas

Antes da leitura, preparar a figura do cavalo e os materiais para a atividade artística (lantejoulas, botões, pedaços de tecidos, *glitter*, cola e outros). É possível conversar com a turma para saber o que conhecem sobre essa festa tradicional. As crianças que já assistiram a uma apresentação de cavalhadas poderão relatar para as outras como foi essa experiência. Explorar o conhecimento das crianças solicitando um relato detalhado do que presenciaram. Esse relato de informações e a interação entre as crianças promove um desejo de conhecer a cultura popular e a apreciação por manifestações artísticas.

1. Essa apresentação conta que tipo de história?
2. Como as personagens estavam vestidas?
3. Onde foi a apresentação?
4. Muitas pessoas estavam assistindo?
5. Do que você mais gostou?

Após a leitura, propiciar um momento de exploração oral dos sentidos do texto discutindo alguns aspectos da história, como os que seguem:

1. O texto conta a história de uma batalha. Como essa batalha é representada na encenação?
2. Como os cavalos são adornados?
3. Como são os figurinos dos participantes da encenação?
4. O que os participantes fazem durante essa encenação?
5. Você conhece outra manifestação artística que tem personagens parecidas?

Propor às crianças que expressem, por meio de uma construção artística, a representação dessa festa tradicional. Preparar o contorno da figura de um cavalo e solicitar que elas pintem e enfeitem a vestimenta ornamentada, inspiradas nas cavalhadas. Os trabalhos poderão ser expostos em um mural da escola com o texto ampliado, para que as outras turmas possam apreciá-los.

O objetivo desta vivência é incentivar o desenvolvimento de habilidades de comunicação e manuais por meio das rodas de conversa e registros que utilizam materiais diversos.

Siriri

Siriri é uma dança do folclore mato-grossense, que pode ser considerada a quadrilha pantaneira. Surgiu a partir do cururu, uma dança típica da região dançada apenas por homens. Eles tocam a viola de cocho, instrumento original da região Centro-Oeste, e formam um círculo onde se revezam os cantadores numa espécie de desafio. Logo as mulheres ganharam seu espaço na festa, dançando com longas saias de chita colorida e pés descalços, conforme tradição indígena, e assim foi criado o siriri. Hoje, dançam siriri homens e mulheres juntos, mas sem se tocar. As músicas que acompanham a dança são simples, tanto pela letra, que mantém o estilo dos desafios, quanto pelos instrumentos. Além da viola de cocho, os músicos usam o reco-reco (ganzá) e o mocho, ou tamboril, que nasceu do improviso de cobrir um banco com um pedaço de couro e bater nele com dois paus.

A dança siriri

O siriri é dançado em Cuiabá há mais de 200 anos. A tradição ganhou mais recentemente um festival, no qual competem vários grupos de siriri. Alguns grupos ficaram tão famosos que passaram a se apresentar em festivais de dança fora do Brasil.

Como dançar: as coreografias são simples; as mulheres rodam as saias floridas e batem os pés descalços no chão, enquanto os homens batem palmas e fazem uma espécie de sapateado. Os dançarinos fazem fileiras frente a frente, túnel, roda, geralmente sem se tocar, apenas batem as mãos. Os movimentos se dividem em introdução, refrão e despedida e recebem nomes como: Barco do alemão, Carneiro dá, Canoa virou, Vamos dispidi.

A música: os tocadores também são os cantadores dos sirirís tradicionais (nas festas) ou dos especialmente criados para a competição no festival. Quem dança também canta, fazendo o coro em alguns versos. Uma quadrinha bastante usada nos sirirís é “Marrequinha da lagoa”:

Marrequinha da lagoa,
Tuiuiú do pantanal.
(Bis)
Marrequinha pega peixe,
Tuiuiú já vem tomar.

Quadrinha popular.

Orientações didáticas

Antes da leitura, organizar as crianças em roda para conversarem sobre a importância da dança. A dança é uma forma de arte que pode ser utilizada para se divertir, para expressar sentimentos e emoções, para interação com as pessoas etc.

1. Qual tipo de música você gosta de dançar?
1. Que tipo de dança você conhece?
2. O que sente enquanto dança?
3. Quem conhece uma dança folclórica chamada siriri?

Após a leitura dos textos, retomar os aspectos e características dessa dança. Perguntar:

1. Como as mulheres dançam o siriri?
2. Como os homens dançam o siriri?
3. Como é a vestimenta utilizada pelos dançarinos?

Depois, propor às crianças que dancem o siriri. A seguir sugerimos duas propostas para organizar a apresentação:

Desenhar círculos no chão, e a criança só poderá dançar naquele espaço determinado, obedecendo os limites espaciais.

O objetivo desta estratégia é estimular o desenvolvimento da coordenação motora e o reconhecimento do corpo no que diz respeito a suas possibilidades e seus limites.

As crianças poderão dançar livremente, utilizando todo o espaço disponibilizado.

Essa vivência tem como objetivo ampliar as possibilidades expressivas do corpo por meio da dança; apreciar e participar de manifestações culturais e artísticas; além de proporcionar momentos de interação entre as crianças.

Tereré

Tereré (ou tererê) é o mate gelado, bebida típica do Mato Grosso do Sul, mas muito popular também no Paraguai. Contam que o costume de beber o mate gelado ou frio, diferentemente do chimarrão do Sul, que é quente, surgiu durante a Guerra do Paraguai. Para não atrair os inimigos, os soldados evitavam fazer fogueira e, portanto, não tinham como aquecer a água para preparar o chimarrão. Dessa forma, começaram a tomar a erva-mate na água fria, e essa bebida acabou se tornando tradicional. Além de ser benéfica para a saúde, a erva-mate no tereré ganha novos sabores acompanhada com suco de frutas. É comum usarem suco de limão, de laranja ou toranja na água do tereré.

Orientações didáticas

Providenciar uma muda de erva-mate, uma cuia, a bomba e os ingredientes para fazer um tereré com a turma. Ampliar o texto da receita "Como preparar um tereré". É possível mostrar a muda de erva-mate às crianças e conversar sobre a importância dessa planta. Perguntar:

1. Alguém conhece essa planta?
2. Para que ela pode ser utilizada?

Explorar o conhecimento das crianças sobre a erva-mate e sua utilização. Depois, compartilhar com elas que essa erva é utilizada em vários segmentos. Na indústria alimentícia, é usada como base para a fabricação de pães, bolos, sobremesas, geleias, sucos etc. No segmento dos cosméticos, na fabricação de xampus, condicionadores, sabonetes, hidratantes, protetores solares etc. Também é bastante empregada para fazer o tereré e o chimarrão.

Tereré
Ingredientes:
Uma cuia, guampa ou copo
Bomba (próprio para tereré ou chimarrão)
Suco de fruta de sua preferência (os sabores cítricos como limão ou laranja são os mais populares)
Erva-mate para tereré (que possui a moagem mais grossa do que a de chimarrão)
Modo de fazer:
Colocar a erva-mate na cuia até preencher 2/3 do recipiente. Inclinar a cuia e pressionar a erva-mate com a bomba, abrindo um espaço na lateral onde ficará a bomba e onde se despejará a água ou o suco. Com a erva-mate pressionada bem firme, acrescentar a água ou o suco com a cuia um pouco inclinada, de forma suave e sem molhar por cima da erva, para a bomba não entupir. Não se deve mexer na bomba. A erva-mate e o suco (ou água) não devem ser misturados.

Após a leitura, perguntar às crianças quem já experimentou o tereré e o que achou dele. Trabalhar alguns aspectos do texto com elas:

1. Como surgiu o tereré?
2. Qual a diferença entre o tereré e o chimarrão?

Fazer a receita do tereré com a turma para demonstrar a utilização do texto instrucional. Realizar novamente a leitura dos ingredientes e do preparo para que ele seja feito passo a passo. Ressaltar a necessidade dos cuidados com a higiene para manipular alimentos.

Para finalizar, as crianças poderão provar o tereré e comentar o que acharam do preparo dessa receita. Incentivar as crianças a descrever o sabor da bebida.

1. Gostaram do sabor? Conseguem descrevê-lo?
2. O que foi feito para que a erva não se misturasse com o suco?
3. O que aconteceria se fosse invertida a ordem dos ingredientes no momento da montagem?
4. Que cuidado é preciso ter para tomar o tereré?

Viola de cocho

Viola de cocho, instrumento típico mato-grossense, é feito artesanalmente com matéria-prima da região. Os mestres cururueiros produzem as violas desenhando seu formato em toras de madeira e esculpindo o contorno com facão. Depois, seu miolo é escavado para fazer a caixa de ressonância, mesmo processo usado na confecção de cochos (recipientes em que se coloca o alimento dos animais na zona rural), daí o nome. Após a peça ser lixada, são colados o tampo, o cavalete, o rastilho, o espelho e as cravelhas. O modo de fazer a viola de cocho foi registrado, em 2005, no Livro dos Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Viola de cocho na caixa de papelão

Materiais:

- Algumas folhas de papel branco ou pardo
- 1 rolinho de papelão (de papel higiênico ou a metade, se for de papel-toalha)
- 1 caixa de sapato infantil vazia, com tampa
- 2 lápis
- Pincel e tintas coloridas
- Tesoura e cola
- Fita adesiva
- 4 elásticos

Como montar a viola de cocho:

Encapar com papel branco ou pardo o rolinho de papelão e toda a caixa de sapato por fora, inclusive a tampa, caso esteja solta.

Desenhar na parte de cima (tampa) o formato do corpo da viola de cocho, menos o braço, que será feito com o rolinho de papelão.

Pintar a viola de coxo na caixa e, com a mesma cor, pintar o rolinho.

Desenhar, no rolinho, os 4 trastes (risquinhos que dividem o braço em cinco partes) e as tarrachas (espécie de parafusos onde se prendem as cordas da viola).

Com a tesoura, fazer pequenos cortes (0,5 cm) em uma das extremidades do rolinho, como se fosse uma franja. Dobrar cada uma das pontinhas para fora.

Colar o rolinho na extremidade da caixa, passando cola nas pontinhas dobradas. Deixar secar bem e, se quiser, reforçar com fita adesiva.

Com muito cuidado, esticar cada um dos elásticos, passando ao redor da caixa, dois de cada lado do rolinho, tentando centralizar bem. Eles serão as cordas (embora a viola de coxo tenha cinco cordas, neste brinquedo fica difícil colocar uma corda no meio, por causa do rolinho).

Por fim, colocar os lápis próximos às extremidades da viola de coxo, embaixo dos elásticos. Assim o elástico fica levantado e é possível tirar um som real do brinquedo.



Luciano Queiroz/Shutterstock.com
Viola de cocho.

Orientações didáticas

Antes da leitura, solicitar aos pais o envio de alguns materiais para a confecção da viola de cocho. Na escola, preparar um espaço para a construção do instrumento, que poderá acontecer em etapas. Organizar o equipamento necessário para a projeção do vídeo "*SuperHands*: Violão".

Após a leitura, conversar com as crianças sobre as características de um texto instrucional. Para realizar a construção do instrumento musical, será preciso seguir as orientações passo a passo. Conversar com a turma sobre alguns aspectos do texto:

1. Como a viola de cocho era produzida?
2. Esse instrumento pode ser utilizado em que tipo de música folclórica?
3. O que vocês acharam do passo a passo para construir esse instrumento?
4. Será que é possível fazê-lo na escola?

Sugerimos o vídeo instrucional a seguir para auxiliar na confecção do violão:

- ***SuperHands*: Violão | Atividades Manuais para crianças | DIY | PlayKids**. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Z3PlPSbA1GI>. Acesso em: 25 jan. 2018.

A construção poderá acontecer em etapas, para que a turma seja auxiliada ao surgirem algumas dificuldades. Incentivar as crianças a atuar de maneira independente, com confiança em suas capacidades, mas compartilhando seus conhecimentos para auxiliar seus colegas também.

Para finalizar, a turma poderá brincar com o instrumento confeccionado. É possível preparar uma encenação do siriri, em que os meninos tocam a viola de cocho e as meninas dançam. Após esse momento lúdico, as violas poderão ser organizadas em um espaço para exposição. Toda a comunidade escolar pode ser convidada a apreciar o trabalho das crianças.

> [...] a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que elas se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Proposta preliminar. Terceira versão. Brasília, DF, 2017.

Referências bibliográficas

ALVES, Laurenice Noleto. **A lenda do Pequi**: O fruto do amor de Tainá-racan e Maluá. Xapuri sócio-ambiental, 11 abr. 2015. Disponível em: <www.xapuri.info/cultura/mitoselendas/lenda-do-pequi-o-fruto-do-amor-de-taina-racan-e-malua/>. Acesso em: 4 nov. 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília, DF. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pdf/3_BNCC-Final_Infantil.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.

CASA DOS PÁSSAROS. **Saiba tudo sobre o urubu-rei**. 2017. Disponível em: <https://casadospassaros.net/urubu-rei/>. Acesso em: 3 nov. 2017.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 271-272.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 168; 714-715.

COMIDAS TÍPICAS. **Pamonha**. Comidas do Centro-Oeste. Disponível em: <http://comidas-tipicas.info/comidas-do-centro-oeste/pamonha.html>. Acesso em 4 nov. 2017.

DANTAS, Tiago. **Cavalhadas**. Brasil Escola, 2018. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/folclore/cavalhadas.htm>. Acesso em: 30 jan. 2018.

HOLLANDA, Eduardo. Cururu, siriri. **Jornal Brasileiros**, n. 27, 1º out. 2009. p. 50.

IPHAN. **Modo de fazer viola de cocho**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/57>. Acesso em: 5 nov. 2017.

KALIL, Luna. Cururu e siriri: o resgate de duas tradições que colorem Mato Grosso. **UOL**, 4 set. 2008. Viagem. Disponível em: <https://viagem.uol.com.br/ultnot/2008/09/04/ult4466u393.jhtm>. Acesso em: 5 nov. 2017.

MAPA do Brincar. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/regioes.shtml>. Acesso em: 3 nov. 2017.

OFICINA ensina crianças a fabricarem viola de cocho e tocarem cururu em MT. **G1**, 2018. Mato Grosso. Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/videos/v/oficina-ensina-criancas-a-fabricarem-viola-de-cocho-em-tocarem-cururu-em-mt/5421953/>. Acesso em: 5 nov. 2017.

OFICINAS: Siriri. Produzido por Set Vídeo Produções. 9 out. 2013. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=QGg1QaAEbqg>. Acesso em: 18 jan. 2018.

PAISAGENS DO BRASIL. **Anfíbios**. Pantanal. Unesp. Disponível em: <www.paisagensdobrasil.ibb.unesp.br/pantanal.php?id=4&sub=18>. Acesso em: 3 nov. 2017.

PALMAS. **Folha de S.Paulo**. Mapa do Brincar. Disponível em: <http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/palmas/>. Acesso em: 3 nov. 2017.

PIRENÓPOLIS. **As cavalhadas de Pirenópolis**. 1998. Disponível em: <www.pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas>. Acesso em: 4 nov. 2017.

ROMEU, Gabriela. Cabra-cabriola. **Blog da Folhinha**, 14 maio 2010. Disponível em: <http://blogdafolhinha.folha.blog.uol.com.br/mapadobrincar/>. Acesso em: 3 nov. 2017.

SALERNO, Silvana; CARCAMO. **Viagem pelo Brasil em 52 histórias**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006. p. 42-43; 50.

SIRIRI, alegria contagiante. **Diário de Cuiabá**, n. 11488, 8 abr. 2006. Disponível em: <www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=250354>. Acesso em: 18 jan. 2018.

SIRIRI (Marrequinha da lagoa). Grupo Raízes do Brejo. 11 nov. 2008. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=P5jtd9n0xdg>. Acesso em: 18 jan. 2018.

TERERÉ CLUB. **Como preparar o tereré?** Disponível em: <www.terereclub.com.br/como-preparar-o-terere>. Acesso em: 18 jan. 2018.

TERERÉ: conheça os segredos do mate gelado. **Terra**, 8 fev. 2016. Fortíssima. Disponível em: <https://fortissima.com.br/2016/02/08/terere-conheca-os-segredos-do-mate-gelado-14823983/>. Acesso em: 5 nov. 2017.

VISITE O BRASIL. **Cavalhadas**. Goiás. Disponível em: <www.visiteobrasil.com.br/centro-oeste/goias/festas-populares/conheca/cavalhadas->. Acesso em: 4 nov. 2017.